

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

**ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENANCIO
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ**

Samuel Rodrigues da Silva

**UMA ANÁLISE CRÍTICA DO PENSAMENTO TRANSUMANISTA
CONTEMPORÂNEO**

**Rio de Janeiro
2022**



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Samuel Rodrigues da Silva

**UMA ANÁLISE CRÍTICA DO PENSAMENTO TRANSUMANISTA
CONTEMPORÂNEO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico de Nível Médio em Saúde com Habilitação em Gerência em Saúde.

Orientador(a): Prof. Marcus Vinícius Monteiro
Pedroza Machado.

**Rio de Janeiro
2022**

AGRADECIMENTOS

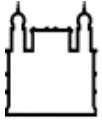
Agradeço primeiramente a família e amigos por suportarem, pelo menos até certa medida, todo o recrudescimento e reclamação necessários para o desenvolvimento deste trabalho.

Ao meu orientador e professor Marcus Pedroza dedico meus maiores agradecimentos pela conclusão deste trabalho, desde os momentos de orientação relativos ao desenvolvimento, como também a diálogos e conselhos interpessoais que são indissociáveis e demasiadamente humanos, mas que nos geram compreensões do quão potencialmente atomizante é o trabalho científico sem coadunar o rigor da pesquisa a uma ética que não instrumentalize o sujeito de seu processo.

Também dedico meus agradecimentos a Filipe dos Santos, co-orientador e um dos meus maiores amigos, que dividi das mais incessantes e espalhafatosas reflexões acerca das minhas abstrações potencialmente ficcionais que vão desde a inexorável crueldade das condições de vida fraca, das minhas reinterpretações ao *dilema de ouriço* aplicado de forma megalomaniaca e puramente comportamental, das minhas inúmeras divagações sobre o tédio, a falibilidade de tudo que observo, os inúmeros trabalhos científicos que citei realizar mas certamente não irei, problemáticas de reciprocidade relacional e dilemas do subjetivismo. Ademais outras excêntricas reflexões que já subjazem na memória, mas que transcritas dariam algumas centenas de vezes o tamanho e por que não o valor deste trabalho.

Agradecimentos especiais também a Murilo Mariano Vilaça, professor e pesquisador da temática que pavimentou as bases desta pesquisa.

Agradeço imensamente a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV), unidade ao qual faço parte e possibilita esta pesquisa, bem como a instituição que conta com ela, a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), a banca que avalia esta pesquisa e a todos os indiretamente envolvidos.



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

God's in his heaven – all's right with the world! (Deus está em seu paraíso – Tudo está bem com o mundo!)



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

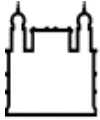


ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

RESUMO

O objetivo geral do projeto é apresentar o transumanismo, ressaltando seus traços gerais, mas destacando algumas variações internas. Como uma corrente de pensamento e um importante movimento filosófico, intelectual, político e cultural contemporâneo, o transumanismo defende uma ideia central: além do uso terapêutico, há outros usos da biotecnologia moralmente admissíveis. Embora os transumanistas compartilhem esse entendimento geral, o pluralismo do transumanismo se expressa pela presença de diferentes compreensões e vertentes internas. Assim sendo, realizamos uma caracterização geral do transumanismo contemporâneo por meio da identificação das suas raízes histórico-políticas e desenvolvemos dois objetivos específicos em concomitância, de apresentação das principais vertentes e das principais definições. O método utilizado na pesquisa será a revisão da literatura.

Palavras-chave: Transumanismo; Tecnociência; Melhoramento Humano.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO 1 - DOS DIFERENTES TRANSUMANISMOS	
1.1 TRANSUMANISMOS NO SÉCULO XX.....	11
1.1.1 TRANSUMANISMO EXTROPIANO.....	18
1.1.2 TRANSUMANISMO DEMOCRÁTICO.....	20
CAPÍTULO 2 - TRANSUMANISMO: DEFININDO OS CONCEITOS	
2.1 DOS IDEAIS TRANSUMANISTAS.....	22
2.2 DAS PRINCIPAIS BASES DOS TRANSUMANISMOS.....	27
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

O pensamento transumanista se baseia no entendimento de que há utilização moralmente aceitável para as biotecnologias de intervenção na condição humana, aplicações que não se restrinjam às intervenções terapêuticas. Tratando-se de uma mudança no paradigma vigente nas sociedades modernas, a biotecnologia ultrapassa os limites da terapêutica reparadora da saúde/normalidade, tendo seus usos ampliados para fins de melhoramento ou aprimoramento (*enhancement*) humano.

Além da definição do pensamento transumanista, é necessário evidenciar suas principais bases. Dentre elas, vale ressaltar o racionalismo, compreendendo-o como a “atitude de quem confia nos procedimentos da razão para a determinação de crenças ou de técnicas em determinado campo” (DICIONÁRIO DE FILOSOFIA – SÓ FILOSOFIA, 2021, s/p.). A relação entre ciência, técnica e progresso também está presente no pensamento transumanista, uma vez que a aposta nela é um ponto fundamental da defesa do melhoramento. Este, por sua vez, está condicionado a mudanças nos humanos, os quais não têm que se manter em conformidade com uma espécie de *status quo* natural.

O pensamento transumanista contemporâneo pode ser traduzido como uma revitalização do ideal iluminista e humanista, conferindo a ele raízes biológicas (VILAÇA; DIAS, 2014). Logo, a utilização da razão, mas também da técnica e da ciência para fins de um investimento na possibilidade de melhoramento está relacionada com a biotecnociência¹, cujas intervenções expressariam a beneficência de um projeto de investimento e mudança da condição humana.

Na perspectiva transumanista, a atual condição humana não é um ponto final, mas um estágio que pode ser ultrapassado. Ou seja, faz parte do ideal transumanista um afã voltado à suplantação de aspectos da condição humana ou, no limite, dela como um todo.

Em oposição a um ideário sacralizado de uma natureza em estado fixo ou perfeito, é notório que a natureza nos coloca, enquanto espécie, ante ao sofrimento existencial decorrente da limitação biológica, sobretudo de cunho patológico. Partindo de uma perspectiva darwiniana, pode-se compreender que a diversidade que caracteriza uma espécie de ser vivo inclui uma ‘loteria natural’, impondo a certos indivíduos uma condição aquém do que podemos chamar de normalidade. Como é sugerido no título de um livro famoso do filósofo e notório bioeticista Allen Buchanan (e outros), a saber, *Do acaso à escolha*² (BUCHANAN *et al.*, 2000, tradução nossa), os humanos podem utilizar a biotecnologia para escolher que tipo de vida querem ter, não ficando presos aos acasos naturais, nem

¹ Segundo Schramm, biotecnociência é um neologismo que pode ser compreendido enquanto a relação entre ciência, técnica e vida.

² From chance to choice, tradução nossa.

sempre muito benéficos.

Parte primordial do ideário transumanista perpassa esta mesma ideia de uso técnico e autônomo das tecnociências, neste caso, sobretudo a biotecnociência, em suma, a transição da condição precária humana (FERRY, 2018), sua saída da “menoridade biológico estrutural” (VILAÇA; DIAS, 2014), que se daria por intermédio de biotecnologias, visando ao aprimoramento de capacidades físicas, intelectuais e mentais, até mesmo do aspecto moral. Ou seja, a possibilidade de inibição de aspectos humanos indesejáveis, os quais geram sofrimento aos indivíduos, limitam suas realizações, são potencialmente temerários ao coletivo ao qual pertence, estão em voga no amplo e complexo debate bioético sobre o transumanismo.

Portanto, o projeto transumanistas propugna, haja vista sua vinculação a um humanismo como supramencionado, a criação de um estágio notadamente diferente da constituição especista do *Homo Sapiens Sapiens*, podendo, até mesmo, dar origem a outro tipo de existência, a pós-humana. Segundo Bostrom, importante filósofo associado ao pensamento e movimento transumanista,

Os transumanistas vêem a natureza humana como um trabalho em andamento, um começo incompleto que podemos aprender a remodelar de maneiras desejáveis. A humanidade atual não precisa ser o ponto final da evolução. Os transumanistas esperam que, pelo uso responsável da ciência, da tecnologia e de outros meios racionais, consigamos eventualmente nos tornar pós-humanos, seres com capacidades muito maiores do que as dos seres humanos atuais. (BOSTROM, 2005a, p. 1).

É axiomática a importância da utilização da tecnologia e da técnica no avanço e progresso das atividades humanas. A vasta história da ciência biomédica, ao lidar com patologias, revela a antiguidade disso.

O transumanismo põe em destaque a constituição biológica da humanidade. Longe de ser uma posição incauta de nossa ontologia, ela é plausível, uma vez que a condição humana é também material (biologicamente falando). Todavia, é importante reiterar que a constituição humana é por excelência multifacetada, fruto de interações com o ambiente, o que os transumanistas, em regra, sabem e afirmam. Nesse sentido, podemos tomar a noção de humano como um sujeito biopsicossocial como adequada, pois também somos fruto de fatores exógenos, o que inclui as tecnologias.

Na vasta história do processo civilizatório das sociedades humanas, é notável a diferença que um indivíduo inserido na sociedade moderna possui em relação aos seus ancestrais caçadores coletores, uma vez que realizamos uma série de atividades por meio de aparatos tecnológicos, desde o consumo no supermercado a tecnologias de comunicações (BOSTROM, 2005b). Factualmente, o ser humano

passou e passa por intensas transformações que são fruto do avanço tecnológico. Afinal, vivemos substancialmente mais que os supracitados caçadores e coletores, o que pode se compreender como uma mudança benéfica e bem-vinda. Em muitos sentidos, portanto, as mudanças mediadas por tecnologias não acarretaram uma desumanização.

No entanto, assim como asseverado pelo pensamento transumanista, essa condição humana precípua não é uma tendência a ser perseguida, e sim a ser melhorada, afinal, ela é contingente e representa parte dos riscos existenciais e sofrimento gerado por patologias e deficiências. Logo, a questão primordial que o transumanismo se debruça afirmativamente (mesmo sem consenso absoluto acerca dos meios utilizados) é o “por que não melhorar os humanos?”. Não obstante, se configura como amplamente questionável como abordaremos neste trabalho, em especial do ponto de vista bioético.

Dessarte, o transumanismo é um movimento e pensamento filosófico, pautado em um humanismo secular e uma revitalização do ideal iluminista, com forte incentivo do uso da razão e da técnica para melhoramento fundamental das capacidades humanas (sejam elas físicas, cognitivas, psíquicas), visando ao aumento do bem-estar dos indivíduos por meio dos efeitos benéficos dos usos adequados das biotecnologias.

Vale ressaltar que esta temática é de inexorável importância e potencialmente terá fortes impactos no futuro da humanidade. Conforme a *Declaração transumanista* (BAILEY *et al.*, 2009, s/p.), que representa, de forma emblemática, o que está posto no debate acerca do tema, cabe-nos refletir sobre os usos da biotecnologia, pois “embora todo progresso seja mudança, nem toda mudança é progresso”.

No que tange à temática abordada por este trabalho de conclusão de curso, contemplo algumas das mais relevantes definições do amplo e multifacetado transumanismo, senão mais adequado considerá-los transumanismos, abarcando suas raízes materiais, político e históricas.

No primeiro capítulo realizamos uma breve revisão da história do transumanismo no século XX, abarcando algumas de suas definições e duas de suas principais vertentes.

O segundo capítulo foi destinado a análise e discussão de seus ideais e bases a partir de alguns vários autores acerca do tema em suas múltiplas definições.

Como objetivos específicos, perscrutamos suas principais definições e apresentamos algumas das vertentes transumanistas, porém aborda mais focalmente duas das diferentes e principais vertentes do transumanismo, destacando semelhanças e diferenças, sendo elas o *Transumanismo Extropiano*, um transumanismo que pode ser vagamente definido como um transumanismo libertário e que defende um

*laissez faire*³, ou seja, um mercado livre, (FERREIRA, 2017) investindo grandemente nos valores racionais, contrários ao dogmatismo e com forte ênfase individualista.

A segunda vertente é o *Transumanismo Democrático*, que em larga medida se afasta da vertente extropiana, é mais socialmente consciente, também investe nas preocupações com a biotecnologia, mas que mantém em essência a defesa responsável e igualitário das biotecnociências, afirmando a figura do estado como uma condição precipuamente necessária para se lidar com a tecnologia e seus usos.

A metodologia é a revisão da literatura de caráter qualitativo, mediante a perscrutar a temática selecionamos duas das principais vertentes da temática transumanista para fazer discussão de suas bases, uma vez que representam dois grandes binômios de perspectiva na temática e se diferenciem em nossa análise histórico-política de suas vertentes e correlações do pensamento transumano.

³ Essa expressão é utilizada para designar, em alguns contextos, o liberalismo econômico, sendo a tradução do francês de “Deixe Fazer” ou “Deixe estar” conferindo o elemento de desregulamentação desse sistema.

1. DOS DIFERENTES TRANSUMANISMOS

1.1 TRANSUMANISMOS NO SÉCULO XX

Para que a temática transumana possa ser abordada e aprofundada sob suas origens e fundamentos, é necessária uma breve explanação da conjuntura em que está imersa, sendo a conjuntura dos avanços tecnológicos, em especial os avanços biotecnocientíficos.

Desprezando nuances a respeito da origem destas tecnologias e partindo de uma definição prototípica do transumanismo, sendo esta que há uso moral e ético para intervenções tecnocientíficas sobre a estrutura biológica humana, que é sempre entendida como passível de mudanças, seja por razões que perpassem a intenção humana, derivado dela ou da própria idiossincrasia corpórea, como mudanças fenotípicas.

A premissa essencial que pavimenta muito do debate, mesmo que essas previsões não sejam precisas, mas para muitos autores, tanto transumanistas quanto críticos, parece consensual o aproximar de uma era biotecnológica (VILAÇA; DIAS, 2014).

Em concomitância a esta tese que pode ou não se concretizar a depender dos rumos destes debates e políticas, não podemos negar alguns avanços no campo das biotecnologias recentes que já nos fazem ter maior materialidade destas previsões.

Para fins de compreensão ao longo deste trabalho sobre a conjuntura que estamos inseridos e dos passos que as tecnologias galgaram.

Factualmente, partimos da premissa de emergência tecnológica como exposto para que possamos lidar com os transumanismos e suas implicações em seus próprios méritos e noções tal como este trabalho se propõe.

Portanto neste capítulo trataremos de oferecer noções importantes a partir da literatura para compreensão de somente parte dos transumanismos, embora parte notória, enquanto corrente de pensamento, mas especialmente como movimento e projeto, será necessário portanto nos remeter diretamente as bases histórico-políticas do transumanismo na contemporaneidade.

Curiosamente o termo “Transumanismo” ou “Transhumanismo” tem aparições ao longo da história que não diz respeito exatamente ao que convencionamos na contemporaneidade, mas somente para ilustrar uma dessas situações. O autor Dante Alighieri, em sua *La Divina Commedia*,

publicada em 1312, utiliza em dado momento para representar o além humano o termo ‘transumanare’ (FERREIRA, 2017).

No entanto, retomemos a nosso fio condutor, que aqui será a história e gênese dos transumanistas no século XX.

Burdson Sanderson Haldane notório biólogo e marxista publicou em 1923 o ensaio *Daedalus or Science and The Future*⁴. Segundo Haldane, imensos benefícios decorreriam do controle da nossa genética e da ciência de modo geral e que futuras sociedades ricas, com inesgotável energia limpa, utilizariam da genética para tornar as pessoas mais altas, saudáveis e inteligentes, havendo uso da ectogênese, isto é, gestação de feto por meio de úteros artificiais, serão lugares comuns (FERREIRA APUD BOSTROM 2017 p. 32). Ou seja, Haldane adota a possibilidade pós-humana e seu ensaio tornou-se assunto de debate (FERREIRA, 2017). Segundo o autor,

O inventor químico ou físico é sempre um Prometeu. Não há grande invenção, do fogo ao vôo, que não foi saudada como um insulto a algum deus. Mas se cada invenção física e química é uma blasfêmia, toda invenção biológica é uma perversão. Dificilmente haverá uma que, ao ser primeiramente trazida ao conhecimento de um observador de qualquer nação que não tenha ouvido falar de sua existência, não lhe pareceria indecente e antinatural⁵ (FERREIRA APUD HALDANE 2017 p.33).

Cerca de um ano após a defesa de Haldane, o autor Bertrand Russel escreve, como resposta, *Icarus or The Future of Science*, no qual argumenta que a ciência e a tecnologia sempre servirão ao engrandecimento do poder das classes dominantes e do melhoramento de máquinas militares (FERREIRA APUD HUGHES 2017 p.33).

Seguindo através do autor Ferreira que estamos utilizando frequentemente nesta pesquisa e que está perscrutando esta mesma história, sintetiza o seguinte a partir disto:

Haldane mantivera amizade com outro notável biólogo esquerdista, Julian Huxley, e com seu irmão Aldous Huxley, ambos também integrantes da Cambridge Heretics Club. Julian corroborava o bio-eutopismo de esquerda de Haldane e, em 1957, cunhou o termo ‘transhumanismo’ como correspondente à visão bio-eutópica; Aldous, não obstante, foi repellido por tais ideias – essa ojeriza se materializou em 1932 com a publicação do seu clássico *Brave New World* (Admirável Mundo Novo), onde a fertilização in vitro, a engenharia eugênica, a psicofarmacologia e a sexualidade promíscua, profundamente presentes no enredo, são usadas para suprimir a individualidade em favor do coletivismo. Como diz Hughes (2015:237), na sequência de

⁴ Dédalo ou Ciência e o Futuro, tradução nossa.

⁵ Tradução do autor.

ascensão e derrota do fascismo e da contínua ameaça do comunismo, o termo “Brave New World” tornou-se uma abreviação das consequências coletivistas distópicas de criar pós-humanos tecnocientificamente aprimorados. (FERREIRA 2017 p. 34)

Vemos aqui então o encontro conflituoso destas ideias que viriam a dar as bases contemporâneas aos transumanismos a partir em especial do biólogo Julian Huxley, também membro do *British Eugenics Society*⁶, presidindo-a por vários anos (FERREIRA APUD SORGNER/GRIMM 2017 p.75) e foi o primeiro diretor geral da UNESCO (FERREIRA, 2017). Mas será em sua obra de 1957 intitulada: *New Bottles for new Wine*⁷ que Julian Huxley estabelecerá as bases para o transumanismo:

A espécie humana pode, se desejar, transcender a si mesma – não apenas esporadicamente, um indivíduo aqui de uma forma, um indivíduo lá de outra forma – mas em sua totalidade, como humanidade. Precisamos de um nome para esta nova crença. Talvez Transhumanismo sirva: o homem permanecendo homem, mas transcendendo a si mesmo, realizando novas possibilidades de e para sua natureza humana. "Eu acredito no transhumanismo": uma vez que haja pessoas suficientes que possam dizer isso verdadeiramente, a espécie humana estará no limiar de um novo tipo de existência, tão diferente da nossa como a nossa é da do homem de Pequim. Finalmente estará conscientemente cumprindo seu destino real (FERREIRA APUD HUXLEY, 2017 p.75, tradução do autor).

Outro grande nome, expoente da temática e que muito influencia as concepções e entendimentos contemporâneos acerca do transumanismo é o iraniano FM-2030.

Batizado com o nome Fereidoun M. Esfandiary (em persa: فریدون اسفندیاری), FM-2030 alega que a modificação do nome simboliza, não só a data do seu centenário, mas um ano onde haverá uma eclosão tecnológica nunca vista (FERREIRA, 2017, p.77) além de alguns outros significados, mas a importância deste autor é que foi um dos primeiros a usar os termos “transhumano” e “pós humano” em um curso sobre os impactos da tecnologia nos seres humanos, ocorrido em 1966 na *The New School* em Nova Iorque (FERREIRA, 2017, p.78). Em seu livro *Up Wingers: A Futurist Manifesto* (1973), FM-2030 nesta obra de acordo com Ferreira nos aponta o seguinte acerca do autor

FM 2030 defendeu a ideia de que a evolução da humanidade está acelerando na medida em que a tecnologia avança. Segundo ele superaremos a velhice e a morte, viveremos para além do planeta Terra, nos aprimoraremos geneticamente, criaremos implantes otimizadores de inteligência e uma cultura humana, transparente e participativa,

⁶ Sociedade britânica de eugenia, tradução nossa.

⁷ Garrafas novas para vinho novo, tradução nossa.

onde as identificações como famílias, tribos, raças, gêneros e estados-nação se dissolverão progressivamente até nos tornarmos cidadãos do mundo. Segundo FM, a maioria das projeções que fazemos acerca do futuro são nebulosas e pessimistas. Em suas palavras:

Os intelectuais ocidentais em particular, claudicantes pela culpa puritana e pelas dúvidas de si mesmos, inundam o mundo com livros, filmes e cenários que predestinam o futuro. Para eles nossos sucessos e potenciais não são reais. Somente nossos fracassos. Devemos desenvolver uma nova filosofia destemida do futuro. Uma visão de mundo esperançosa que possa encorajar as pessoas a querer enfrentar o futuro e a querer planejá-lo. (FERREIRA APUD ESFANDIARY, 2017, p.78, tradução do autor)

Embora não seja de nosso interesse julgar o mérito em casos onde pretensões potencialmente subjetivas estão presentes, é relevante, ademais os valores cosmopolitas do autor, destacar a presença de um progressismo vinculado a um futurismo otimista. Característica relevante para o entendimento destas primeiras formações dos transumanismos, mesmo que FM-2030 ainda tivesse ideias substancialmente diferentes da maior parte dos transumanismos que irão se convencionar, como podemos observar o autor expressava a seguinte noção de transumano, de acordo com o *FAQ Transumanista* (BOSTROM *et al.* 2016), ele introduziu o termo como uma abreviação para “humano em transição” (BOSTROM *et al.*, 2016)

Mas é a partir dos escritos de Natasha Vita-More na autoria do *Manifest Transhuman* em 1983 que serão lançadas as bases dos transumanismos do tipo enquanto movimento político, que formará as organizações como acompanharemos. De acordo com a autora

Vamos escolher ser transumanos não apenas em nossos corpos, mas também em nossos valores. Em direção à diversidade, multiplicidade. Para uma ideologia apartidária (transpolítica, transpartidária, transmodernidade). Em direção a uma transumanidade mais humana. (BOSTROM *et al* APUD VITA-MORE., 2016, p.04)

É a partir destas bases que perscrutamos até aqui da história deste transumanismo que teremos a seguinte definição de acordo com o filósofo e expoente autor da temática, Max More:

O transumanismo é um movimento vagamente definido que se desenvolveu gradualmente nas últimas duas décadas. “O transumanismo é uma classe de filosofias de vida que busca a continuação e aceleração da evolução da vida inteligente além de sua forma humana atual e das limitações humanas por meio da ciência e da tecnologia, guiada por princípios e valores promotores da vida. (BOSTROM *et al* APUD MORE., 2016, p.04)

O mesmo autor que em 1992 viria, junto a Tom Morrow, fundar o *Extropy Institute*. Voltaremos a mencioná-lo logo à frente. Mas por hora nos serve o entendimento que estas décadas foram definidoras das expressões dos transumanismos expostos aqui.

Já em 1998 a *Associação Mundial Transhumanista*⁸ (WTA) foi fundada, por dois expoentes, Nick Bostrom e David Pearce, com a finalidade de atuar como uma organização internacional sem fins lucrativos que deveria coordenar os grupos e interesses a transumanistas no espectro político.

A WTA que mais tarde se tornará H+ (Humanity Plus), parte da intencionalidade parece ter sido o distanciamento a terminologia de transumanismo.

É importante apresentar que a WTA, que viria a se tornar H+ deu duas definições importantes pra transumanismo, sendo as seguintes:

(1) O movimento intelectual e cultural que afirma a possibilidade e desejo de melhorar fundamentalmente a condição humana por meio da razão aplicada, especialmente desenvolvendo e tornando amplamente disponíveis tecnologias para eliminar o envelhecimento e para aumentar significativamente as capacidades intelectuais, físicas e psicológicas humanas. (2) O estudo das ramificações, promessas e perigos potenciais das tecnologias que nos permitirão superar as limitações humanas fundamentais, e o estudo relacionado das questões éticas envolvidas no desenvolvimento e uso de tais tecnologias. (BOSTROM et al APUD MORE., 2016, p.03)

Nos servindo destas definições e intencionalidades, apresentaremos agora outro importante documento que é a sistemática de Bostrom (2005c), um dos principais expoentes do tema, a tabela de valores transumanistas.

⁸ World Transhumanist Association, tradução nossa.

Tabela 1 - Valores Transumanistas

TABELA DE VALORES TRANSMANISTAS	
	<i>Valor Central</i>
•	Ter a oportunidade de explorar os reinos transumanos e pós-humanos
	<i>Condições Básicas</i>
•	Segurança global
•	Progresso tecnológico
•	Amplo acesso
	<i>Valores Derivativos</i>
•	Nada de errado em “mexer na natureza”; a ideia de <i>arrogância</i> rejeitada
•	Escolha individual no uso de tecnologias de aprimoramento; liberdade morfológica
•	Paz, cooperação internacional, anti-proliferação de WMDs
•	Melhorar a compreensão (incentivando a pesquisa e o debate público; pensamento crítico; mente aberta, investigação científica; discussão aberta sobre o futuro)
•	Ficar mais inteligente (individualmente; coletivamente; e desenvolver inteligência de máquina)
•	Falibilismo filosófico; vontade de reexaminar suposições à medida que avançamos
•	Pragmatismo; espírito de engenharia e empreendedor; Ciência
•	Diversidade (espécies, raças, credos religiosos, orientações sexuais, estilos de vida, etc.)
•	Cuidar do bem-estar de todos os sencientes
•	Salvando vidas (extensão de vida, pesquisa anti-envelhecimento e criônica)

Referência: BOSTROM, N. Transhumanist Values. *Review of Contemporary Philosophy*, v. 4, issue 1-2, p. 87-101, 2005c.

Essa sendo uma caracterização essencialmente valorativa do transumanismo, no entanto nos serve de uma série de entendimentos.

Nesta lista podemos identificar algumas defesas transumanistas que já ficaram evidentes até este ponto do trabalho, como relativo à ciência ou ao anti especismo. Ressalta-se também a liberdade morfológica, a saber o direito individual de uso ou não das tecnologias de aprimoramento humano.

Além de outras questões, destacamos em especial no que diz respeito a defesa da diversidade, uma vez que como muito bem assevera Vilaça *et al*:

Outra objeção possível refere-se à *defesa da diversidade*, que é um elemento da lista de Bostrom (2005c), uma vez que haveria uma aparente incompatibilidade entre ele e a ideia de pós-humanismo. Se o transumanismo propugna um estágio superior de desenvolvimento, e isso está fundado no ideário de que a nova espécie (pós-humana) é *melhor do que a humana*, como coadunar essa visão com a *defesa da diversidade*, por exemplo, de espécies? Não seria mais coerente supor que a espécie pós-humana será o parâmetro ideal, na medida em que o humano terá um valor inferior relativo ao grau de desenvolvimento? (VILAÇA; DIAS, 2014 p.349)

Notadamente, a indagação e epicentro de possível contradição de ideias a respeito desse valor oferecido de transumanismo e elucidado por Vilaça *et.al*, é como que a ideia de um aprimoramento ou biomelhoramento está em necessária dialética com a lógica da diversidade, que também é um pretensu componente de valor aos transumanistas como observamos.

Logo, esta é a primeira grande questão a ser evidenciada ao transumanismo, que parece se pretender a conciliar a contra intuitiva ideia de humano melhorado sem reafirmar de forma impositiva uma opressão sob a diversidade morfológica, sendo essa por muitas vezes descodificada e subjetiva.

1.1.1 TRANSMANISMO EXTROPIANO

O transhumanismo extropiano oferece uma filosofia de vida otimista, vital e dinâmica. Nós enfrentamos uma imagem de crescimento e possibilidade ilimitados com emoção e alegria. Buscamos anular todos os limites da vida, da inteligência, da liberdade, do conhecimento e da felicidade. A ciência, a tecnologia e a razão devem ser atrelados aos nossos valores extropianos para abolir o maior mal: a morte. A morte não para o progresso de seres inteligentes considerados coletivamente, mas oblitera o indivíduo. Nenhuma filosofia da vida pode ser verdadeiramente satisfatória, quando glorifica o avanço dos seres inteligentes e, no entanto, condena cada indivíduo a apodrecer até o nada. Cada um de nós procura o crescimento e a transcendência de nossas formas e limitações atuais. A abolição do envelhecimento e, finalmente, de todas as causas da morte, é essencial para qualquer filosofia de otimismo e transcendência relevante para o indivíduo.⁹

Como mencionado anteriormente, em 1992 é fundado o *Extropy Institute*, houve também o lançamento anos atrás da *Extropy Magazine* em 1988 publicada igualmente por Max More e Tom Morrow (BOSTROM *et al.*, 2016).

O termo “extropy” presente nesses nomes é de “extropia” em dicotomia a ideia de entropia¹⁰. O FAQ Transumanista nos diz o seguinte acerca da importância do exposto:

More escreveu a primeira definição de transumanismo em seu sentido moderno e criou sua própria marca distinta de transumanismo, que enfatizava o individualismo, o otimismo dinâmico e o mecanismo de mercado, além da tecnologia [...] (BOSTROM *et al.*, 2016).

⁹ MORE, Max. *Transhumanism: Towards a Futurist Philosophy*. Extropy #6, 1990:10. (FERREIRA, 2017, p.81, tradução do autor)

¹⁰ Entropia pode ser definida como relativo à desordem. Segundo o *Oxford Dictionary Lexico*. (<<https://www.lexico.com/definition/entropy>> acesso em: 27/03/2022)

Como já apontado na introdução, o extropianismo é a vertente no transumanismo que talvez melhor encarne as principais reivindicações tipicamente concernentes ao libertarianismo (FERREIRA, 2017).

Em vista do exposto, Ferreira assevera o seguinte

Ademais, consoante expressa Rüdiger, os extropianos, “salientando seu credo libertário e individualista, desprezam a democracia contemporânea”. Deste modo, “a convicção é posta numa sociedade aberta, que permita, mais do que a liberdade de ação e pensamento, a liberdade de experimentação com nossa própria humanidade”. Segundo tal convicção, afirma Rüdiger, “os controles políticos devem se limitar ao regido pela lei, essa deve ser administrada de maneira descentralizada e com o máximo de liberalismo, se é para se avançar e, assim, evitarmos as ‘utopias estáticas’” (2008:187). Assim, na medida em que o discurso extropiano *technophilico* ganha notoriedade, a crítica da cultura progressiva começa a emergir. Em 1996, em um fórum no *site* da revista *Wired*, Paulina Borsook debateu com More caracterizando-o como egoísta, elitista e propagador de um pensamento escapista, e em 2001 consolidou suas críticas com a publicação do livro *Cyberselfish: A Critical Romp through the Terribly Libertarian Culture of High Tech*. (FERREIRA, 2017, p. 88)

As repercussões observadas neste trecho se referem em especial a idas e vindas de um documento em específico *The Extropian Principles* que define os principais princípios do transumanismo extropiano. Não nos interessa analisar minimamente essas mudanças, mas defini-lo em vista de evidenciar sua idiossincrasia.

Portanto, nos comediremos a evidenciar a versão 3.0 deste documento que lista sete princípios que são importantes para os transumanistas (na visão extropiana) no desenvolvimento de seu pensamento: progresso perpétuo, autotransformação, otimismo prático, tecnologia inteligente, sociedade aberta, autodireção e pensamento racional (BOSTROM *et al.*, 2016). O objetivo seria uma codificação de atitudes gerais em vez de dogmas específicos (BOSTROM *et al.*, 2016).

1.1.2 TRANSMANISMOS DEMOCRÁTICO

*Transhumans of all countries, unite!*¹¹

A vertente transumanista democrática não somente aponta para suas intenções em estar essencialmente vinculada a um democratismo, como também expressa a seguinte definição de acordo com o FAQ Transumanista acerca do texto do principal expoente e defensor desta vertente, James Hughes.

Esta vertente do transumanismo defende o direito de usar a tecnologia para transcender as limitações do corpo humano e a extensão das preocupações democráticas além da igualdade e liberdade legal formal, para a liberdade e igualdade econômica e cultural, a fim de proteger valores como igualdade, solidariedade e participação democrática em um contexto transumano (Hughes 2002). (BOSTROM *et al.*, 2016)

De acordo com Vilaça *et.al*, Hughes (2004) sustenta que o futuro pós humano deverá ser alcançado observando se as tecnologias emergentes são seguras e disponibilizando-as a todos (VILAÇA; DIAS, 2014).

Hughes assevera o seguinte de acordo com Ferreira:

Enquanto os transhumanistas, afirma Hughes, “defendem que todas as ‘pessoas’ inteligentes merecem direitos, sejam eles humanos ou não,” os biofundamentalistas, por sua vez, “insistem que apenas a “hominidade” (*humaness*), possuidores do DNA humano e de um coração pulsante (elementos marcadores de humanidade) fazem jus à atribuição de cidadania e direitos”, rejeitando, desse modo, “as tecnologias de manipulação genética e os “designers de bebês”, extensões “não naturais” da vida, (...) e outras formas de violações “hybrísticas” (*hubristic violations*) da ordem natural” (HUGHES, 2002:3, tradução nossa) (FERREIRA APUD HUGHES, 2017, p. 94, tradução do autor)

Podemos observar a compreensão anti especista pretensamente característica do transumanismo levantada pelo autor e em crítica ao âmbito que desenvolveremos melhor no próximo capítulo.

De acordo com o autor Keoma Ferreira, Hughes apresenta um programa de 11 pontos para o transumanismo democrático, que são:

(1) Construir o movimento transhumanista; (2) garantir a liberdade morfológica e a autonomia corporal; (3) defender a pesquisa científica das proibições luditas, ao mesmo tempo em que adota regulamentos legítimos de segurança e eficácia; (4) proteger o acesso científico ao conhecimento de leis de propriedade intelectual excessivamente agressivas;

¹¹ HUGHES, James. Democratic Transhumanism 2.0. Transhumanity. 2002:21. (<<http://www.changesurfer.com/Acad/DemocraticTranshumanism.htm>>) (FERREIRA, 2017, p. 91, tradução do autor)

(5) expandir o financiamento federal para pesquisas sobre tecnologias transhumanas; (6) criar planos nacionais de saúde que incluam tecnologia transhumana; (7) expandir o apoio federal à educação; (8) fornecer reciclagem de trabalho e uma renda para os estruturalmente desempregados; (9) solidarizar com minorias sexuais, culturais e raciais, especialmente com minorias morfológicas, como deficientes físicos e transgêneros; (10) apoiar os direitos dos grandes símios, golfinhos e baleias, (11) e fortalecer o governo mundial democrático (HUGHES, 2001:2, tradução nossa) (FERREIRA APUD HUGHES, 2017, p.95, tradução do autor)

Esse programa resume bem a caracterização dessa vertente ser mais socialmente consciente supramencionada na introdução que é bem característica desse transumanismo.

2. TRANSMANISMO: DEFININDO OS CONCEITOS

2.1 DOS IDEAIS TRANSMANISTAS

*Se é natural morrer, então, ao inferno com a natureza. Por que se submeter à sua tirania? Devemos nos elevar acima da natureza. Devemos nos recusar a morrer.*¹²

No afã de contemplar as principais definições dos transumanismos no qual este trabalho se debruça, sairemos da definição prototípica até agora trabalhada para uma definição comparativamente mais clara: O transumanismo enquanto uma forma de iluminismo de cunho biotecnológico (VILAÇA; DIAS, 2014) uma vez que investe na modificação da dimensão biológica e corpórea com fins em diversos tipos de aprimoramento e no rompimento a uma lógica sacralizante, entende-se paralelamente a lógica natural. Pode se inferir de forma segura, que o transumanismo no que há de mais essencial, é uma cristalização do ideal moderno, no entanto se serve de uma série de diferenças que fazem dele uma expressão contemporânea acerca das possibilidades latentes das ciências de último século.

À semelhança do Esclarecimento moderno, o humano deve sair da sua “menoridade biológico-estrutural”, corajosamente investindo na autotutoria. Por meio do cálculo racional, ampliando o potencial humano cibernético a um nível superior, o humano, ao mesmo tempo, estaria realizando plenamente a sua “natureza cibernética”, a saber, de governar tudo o que há (DUPUY, 2009), e alterando a sua “natureza vulnerável”, retirando aquilo que lhe prenderia à tutoria de uma natureza precária. (VILAÇA; DIAS, 2014 p. 347)

No entanto, ainda sem aprofundar essas categorias epistêmicas no transumanismo, seguiremos a elucidação do que se pode inferir ser a gênese do ideário transumanista, mesmo que não se restrinja a ela e que compartilhe seus fortes traços com o supramencionado iluminismo.

Como já elucidamos na introdução, o transumanismo enxerga a natureza humana como um processo inacabado, hodiernamente, o próprio mundo natural. Não tratando do progressismo, há

¹² FM-2030. *Are you a Transhuman?* Áudio gravado na University of California, 1994. (<https://www.youtube.com/watch?v=eaS9QBdVHM>) (FERREIRA, 2017, p. 48, tradução do autor)

uma certa axiomática a respeito da trajetória tecnológica e humana como um todo, desde o advento da agricultura até os padrões de vida modernos.

É essencial romper com o dualismo da separatividade e com fortes tendências a um maniqueísmo forçoso entre o binômio natureza e a artificialidade. O transumanismo necessariamente defende uma alteração a natureza, o que é por excelência a ação humana sobre o mundo. O que por si só é um dado, seja para viabilizar nossos padrões de consumo atuais, o uso tecnológico ou de mera alteração da natureza tem sido marcadamente humano desde a breve história de algumas civilizações, através da erradicação de doenças ou na produção de novas formas de se viver. A natureza é responsável pela manutenção da vida como a conhecemos, mas também pela fome ou enfermidades das mais diversas, tal como, a tecnologia humana – leia-se a artificialidade – também possibilita desde a produção cada vez maior de alimentos e remédios a armas nucleares. Certamente, não há coerência em uma interpretação meramente parcial desta dualidade.

É claro que há razoabilidade para uma certa crença na natureza, uma vez que aparenta uma espécie de equilíbrio em seu próprio cosmos, enquanto a ação humana é tipicamente vista como um elemento intrinsecamente caótico por suas tendências ao controle do meio. Sobre esta crença, Vilaça *et al.* assevera:

A natureza em geral, é vista, por muitos, de um modo quase sacralizado. Bostrom e Sandberg (2009) sublinham a tendência manifesta de se dar preferência às coisas tidas como *naturais*, em detrimento das *artificiais*. De alimentos a remédios, há uma confiança quase incontestável, ainda que por vezes injustificada, na beneficência da natureza. Daniels (2009), contrariando acertadamente, no nosso entendimento, essa ideia, assevera que há características “boas” e “más” na natureza em geral, bem como na humana, de modo que não há nada de errado, em si, em alterá-las. Se compreendemos essa natural (biológica) suscetibilidade como um *mal*, alterá-la, visando à sua superação, seria uma forma de promover o bem do humano. (VILAÇA; DIAS, 2014 p.350)

Logo, de um ponto de vista absolutamente útil e antológico, fica claro que a história humana é por excelência mudança, mas este é um ponto especialmente interessante, por mais que a credulidade no natural possa ser inequivocamente vista como precipitada - o mesmo vale para o artificial - há também uma certa dubiedade presente sobre a própria mudança humana, esta que é marcadamente um dos objetivos transumanos.

Não há no estatuto especista humano de *homo sapiens sapiens* que pertencemos, invariabilidade alguma quanto a nossa constituição, isso sem levar em conta as dezenas de outros

fatores que atravessam e influenciam a existência humana. Embora, os transumanismos mesmo reconhecendo outras dimensões e as possibilidades de intervenção através da *biotecnociência*, reconhece em especial nossas constituições mais basais, – leia-se estruturais – as biológicas.

É nesse sentido que como inferi, a credulidade em uma imutabilidade de nossa constituição é precipuamente incorreta, exemplificando isso, temos que por exemplo nossa organicidade e constituição atualmente e há décadas sofreu com um aumento bastante circunstancial de *Carbono-14* desde o início da corrida atômica em meados de 1955, especialmente em decorrência de testes na superfície terrestre e de *Hiroshima e Nagasaki* que culminam no tratado de proibição atômica. O intrigante dessa informação não provém de aspectos deletérios ou não do aumento de *Carbono-14* na superfície terrestre e nos seres vivos, mas é uma demonstração de nossa fragilidade e acima de tudo o quanto que, mesmo fenotipicamente e independentemente de qualquer conceito de *natureza humana*, a mudança é presente e ter controle sobre ela, é o que propugna os pensamentos transumanistas acerca de nossas tendências transformativas, da realidade e destacadamente, nós mesmos (MALI TIAGO, 2016).

Podemos também aludir a um outro exemplo que expressa uma beneficência do exposto segundo Vilaça *et al.*

Entre os séculos XIX e XX, por exemplo, a estatura média da população, em razão de um incremento nutricional, sofreu um relevante aumento. Salvo engano, essa alteração biológica não foi considerada uma ameaça à natureza ou à dignidade humanas; ao contrário, foi interpretada como uma melhora da constituição fenotípica dos seres humanos. (VILAÇA; DIAS, 2014 p.357)

É importante salientar que tudo que advém de mudanças possíveis não herdem por propriedade transitiva nada que derive desta argumentação, afinal mesmo sob o reconhecimento da mudança e da ação transformativa humana, o que efetivamente mudar é por excelência uma questão de bioética, mesmo que não se restrinja a ela.

Com ressalvas para não nos comprometer com uma ontologia hipostatizada que não contribuí efetivamente na compreensão dos transumanismos, é válida a alusão a uma passagem do pós-estruturalista Michel Foucault que indica a percepção de que por si só a ideia do humano tem seus dias contados:

O homem é uma invenção a respeito da qual a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente a data recente. E talvez o fim próximo. Se essas disposições vierem a desaparecer, tal como apareceram; se, por algum evento a respeito do qual podemos, no

máximo, pressentir a possibilidade, mas do qual ainda não sabemos nem a forma nem a promessa, elas balançam, como o fez na virada do século XVIII o solo do pensamento clássico, - então pode-se bem apostar que o homem se esfacelaria, como, no limite do mar, um rosto de areia (OLIVEIRA et. al, APUD FOUCAULT, 2020, p.25)

Como também assevera Vilaça *et.al*, ser humano não é compreendido pelos transumanistas como nenhuma característica por si só detentora de maior valor, (VILAÇA; DIAS, 2014) na verdade é potencialmente um ônus, uma contingência que pode acarretar uma série de sofrimentos existenciais.

Ainda no que diz respeito a noção sacralizada de humano, é uma necessidade para fins de compreensão do tema reconhecer como que há uma longa tradição judaico-cristã e humanista tradicional, tipicamente ocidentais, de vislumbrar na natureza um dado axiomático, e por consequência observar as limitações humanas como doenças e a morte enquanto passíveis de se curar/mitigar, mas não de melhorar (FERRY, 2018).

Apresentando também a definição transumana que temos Nick Bostrom, cientista e filósofo sueco e um dos mais relevantes expoentes do tema:

Virá o dia em que nos será oferecida a possibilidade de aumentar nossas capacidades intelectuais, físicas, emocionais e espirituais muito além daquilo que parece possível hoje em dia. Sairemos então da infância da humanidade para entrar na era pós humana. (FERRY APUD BOSTROM, 2018, p.01)

Nesta passagem da definição de Bostrom acerca do transumanismo, bem como algumas de outras menções referidas neste trabalho, identificamos frequentemente essa ‘saída da humanidade a pós humana mediante as biotecnologias’ com clara analogia a passagem da modernidade. No entanto, esta é uma noção idílica e frequentemente soa enquanto um infinitismo forçoso sobre o destino imanente das sociedades humanas, o que do ponto de vista lógico nos parece incorreto. Podemos estar enganados, mas mesmo com todos os avanços tecnológicos da agricultura ou de nossos padrões de consumo modernos, não extinguímos a fome, nem tão pouco uma série de mazelas geradas pela desigualdade e não por insuficiência técnica.

Até este ponto, tratamos vagamente do conceito de pós humano, ele será mais relevante mais à frente neste trabalho, retomando este conceito, temos que pós humano enquanto uma das possíveis condições para as existências que poderão advir dos avanços tecnocientíficos (VILAÇA; DIAS, 2014).

Para o filósofo francês Luc Ferry na obra intitulada *A Revolução Transumanista*, nos serve do seguinte entendimento:

[...] poderíamos formular da seguinte maneira: o transumanismo é o trajeto, enquanto o pós-humanismo é a meta: um é o caminho ou o processo, o outro é o resultado ou o ponto de chegada. Se aceitarmos essa descrição, poderemos então considerar que existem dois conceitos, certamente diferentes de início, mas possivelmente vinculados entre si no final, do “trans” e do “pós” [...] (FERRY, 2018, p. 10)

Este autor também diferencia alguns tipos de transumanismos, mas evidencia uma questão de compreensão interessante para este trabalho no seguinte trecho:

Distinguiremos nessa primeira face do transumanismo o inquietante projeto “cibernético” de uma hibridação sistemática homem/máquina mobilizando a robótica e a inteligência artificial ainda mais que a biologia. É aquele que propõe Ray Kurzweil, diretor da Universidade da Singularidade, financiada pelo Google. Parece-me que, rigorosamente, seria preciso reservar o termo “pós humanismo” para essa corrente, já que se trata mesmo, aqui, de criar uma espécie nova, radicalmente diferente da nossa, milhares de vezes mais inteligente e mais poderosa, outra humanidade, portanto, cujas memória, emoções, inteligência, em suma, tudo o que diz respeito à vida do espírito, poderiam ser armazenados em novos tipos de suportes materiais, à semelhança de como gravamos arquivos em um pen drive. Kurzweil sonha com um homem em “interface” com o computador, com todas as redes da internet, graças a implantes cerebrais, o qual seria, assim, um pós humano. (FERRY, 2018, p.08)

Abordaremos no próximo subcapítulo os componentes basais dos transumanismos onde algumas dessas diferenciações também estarão presentes.

2.2 DAS PRINCIPAIS BASES DOS TRANSUMANISMOS

“As origens desse divórcio no indissociável são, claro, de natureza religiosa: a mente do racionalismo ocidental é a filha leiga da alma salvável do cristianismo. Sem direito a além-túmulo, porém” (20-21).¹³

Adentrando os elementos epistemológicos do transumanismo, seguiremos a destrinchá-lo a partir do prisma do que se baseia exatamente este ideal que através da técnica aplicada e sua derivada, a tecnologia, deveríamos afirmar a existência humana para além de suas limitações.

Abordaremos primeiramente as considerações de James Hughes, sociólogo e bioeticista americano, expoente da temática transumana, ocupou o cargo de diretor executivo da *World Transhumanist Association* de 2004 a 2006, importante representação da vertente democrática como abordarmos no capítulo anterior.

A partir da definição de transumanismo enquanto a crença de que a tecnologia pode transcender nossas limitações do corpo e dos cérebros humanos e fazendo parte da família das filosofias iluministas (HUGHES, 2010) elenca alguns pontos de enfoque que pretendemos indicar, e explanar pontualmente sobre seus principais.

Primeiro, constata que o projeto da razão é auto-erosivo e carece de validação irracional (HUGHES, 2010). Em segundo lugar, mesmo que a majoritária maioria de transumanistas sejam ateístas, a crença no poder transcendente da inteligência gera novas teologias (HUGHES, 2010). Terceiro, embora a maioria dos transumanistas sejam democratas liberais, sua crença na perfectibilidade humana e na governança pela razão pode validar o autoritarismo tecnocrático (HUGHES, 2010). Quarto, os transumanistas estão divididos quanto ao equilíbrio entre democracia e mercado (HUGHES, 2010). Estes serão os pontos que iremos tratar aqui.

Respectivamente, a inferência de que o projeto da racionalidade é validado irracionalmente é certamente um ponto muito assertivo e coloca em xeque muita da irrestrita confiança na racionalidade, embora, este seja um axioma, não precisa ao menos, significar dizer que não há racionalidade, mas reconhecer antes sua materialidade, abordaremos isso mais a frente quando tratarmos do materialismo, e também a iminência desejante de muita da irrestrita fé na

¹³ Paulo Leminski. Corpo não mente in Revista Corpo a Corpo, 1987, p. 97-98. (Disponível em: <<http://www.elsonfroes.com.br/kamiquase/ensaioPL3.htm>> acesso em: 25/03/2022)

racionalidade. Afinal, a racionalidade sequer pode ser validada senão por uma propriedade de si, a lógica.

No segundo ponto levantado por Hughes, embora auto evidente, abordaremos também mais à frente estas questões em consonância a outras considerações sobre conceitos relevantes ao transumanismo, mas por hora definimos que esse ponto se trata de uma preciosa questão de crítica aos pensamentos transumanistas, não que o mesmo não seja consciente disso, no entanto frequentemente apresentam-se como a noção moderna da morte dos valores *ascéticos*¹⁴, contudo fica claro como que a racionalidade na modernidade ocupa esse papel, frequentemente transcendental, tal qual o divino.

O terceiro e quarto pontos também relevantes a serem colocados aqui ficarão mais bem elucidados nesta seção.

Abordando em concomitância o iluminismo amplo movimento cultural que o transumanismo divide indissociáveis laços, temos em Kant no seu ensaio *Resposta à pergunta: O que é esclarecimento?* o define enquanto “sapere aude” ou “ouse saber” (HUGHES, 2010).

É importante destacarmos em suas palavras algumas das erupções que se passaram com o iluminismo e que são potencialmente aplicáveis ao transumanismo.

Após a segunda guerra mundial, movimentos tanto à direita quanto à esquerda se voltaram contra o racionalismo iluminista. Na esquerda, os escritores da Escola de Frankfurt criticaram a racionalidade instrumental do Iluminismo por sua cumplicidade com o autoritarismo (Marcuse, 1964; Saul, 1992; Gray, 1995; Adorno e Horkheimer, 2002). Várias correntes de feminismo e antiimperialismo atacaram a construção patriarcal e eurocêntrica da razão iluminista (Harding, 1982). Os filósofos da direita culpam o comunismo na lógica totalizante da afirmação iluminista da razão utópica. (HUGUES, 2010, p.04)

O autor também endossa uma compreensão muito necessária ainda em crítica a um valor concomitante ao iluminismo e latente nas bases transumanistas:

A linguagem é uma série de jogos de palavras em que os significados são criados apenas em referência a outras palavras e não a fatos empíricos. O projeto positivista de construir uma filosofia racional a partir de observações empíricas incontestáveis é impossível. (HUGUES, 2010, p.04)

¹⁴ Relativo à ascese. Valores transcendentais, espirituais, de natureza religiosa.

O iluminismo não só carrega estas questões, mas também complementamos que o histórico erro de associar progresso social a progresso tecnológico é responsável pela violência colonial e imperialista, independente se em função da missão jesuítica ou “civilizatória”. No entanto estas questões não são integralmente válidas se imputadas ao transumanismo como observaremos.

Transitando para questões que dizem respeito ao humanismo, componente essencial para compreensão dos transumanismos, este que até pode ser compreendido como um humanismo racional.

Segundo Bostrom relativo à presença do humanismo no transumanismo:

O transumanismo tem raízes no pensamento humanista secular, mas é mais radical porque promove não apenas os meios tradicionais de melhorar a natureza humana, como educação e refinamento cultural, mas também a aplicação direta da medicina e da tecnologia para superar alguns de nossos limites biológicos básicos. (BOSTROM, 2005, p.02).

É notória a necessidade portanto de um desenvolvimento paralelo acerca do importante conceito de *humanismo*.

Peter Sloterdijk, literário do pós humanismo envolvido inclusive em uma polêmica que abalou o espaço da filosofia epocal alemã e de reverberações globais, ao ser confrontado indiretamente por Jürgen Habermans, notório crítico e *bioconservador*, acerca de sua obra *Rules for the Human Park*¹⁵, esta questão é de bastante importância para o debate, no entanto iremos nos abster e prosseguir o desenvolvimento sobre o conceito de humanismo.

Temos em Sloterdijk, advindo de uma extensa reflexão acerca do humanismo tradicional desde o hábito da leitura, ao anfiteatro romano, mas em especial sua fulcral definição viável para nossa utilização de que há no *humanismo* um esforço de repressão a animalidade humana, tipicamente latente, porém não é somente através da pacificação que o humanismo atua (MARQUES APUD, 2002, p.06), mas também mediante ao seguinte de acordo com José Marques, comentando o texto de Sloterdijk, temos que:

Uma vez constituídas as comunidades irmanadas pelas suas literaturas, elas podem tratar das formas de defesa de seus interesses comunitários: os humanismos nacionais burgueses do século XIX constituíram-se como uma força capaz de impor a seus jovens a leitura dos clássicos nacionais e, ao mesmo tempo, a prestação do serviço militar nos novos exércitos nacionais; eles refletem sociedades disciplinadas que levam muito a sério sua identidade literária e sua proficiência militar.

¹⁵ Regras para o Parque Humano, tradução nossa.

A que levou, finalmente, esse humanismo nacional do século XIX? A resposta parece clara: levou às duas grandes conflagrações fratricidas europeias que dizimaram a Europa e encerraram a civilização ocidental. Revelar essa consequência parece ter sido a tese central de Heidegger na carta sobre o humanismo. Para que buscar ainda um humanismo, pergunta Heidegger, se o humanismo levou apenas a essa luta pela tomada de poder sobre todos os seres, em uma cega manifestação de antropocentrismo? (MARQUES, 2002, p.06)

Entendemos que com isso ficam claras as tensões postas, de um lado a *hominização*¹⁶ do humanismo presente tanto em nossas educações, como também nos projetos de *enhancement human* elemento definidor dos transumanismos, embora mais uma vez a crise do humanismo não possa transitivamente ser uma antítese ao projeto transumanista, desde que salvaguardemos a noção de sua relevância histórico cultural.

Há como uma característica geral nos transumanismos um humanismo secularista e, diga-se de passagem, utilitário, abordaremos a seguir, em vista desta afirmação, o filósofo Luc ferry nos serve novamente de algumas noções relevantes do rompimento acerca do humanismo:

Em Geral, o transumanismo apresenta quatro rupturas mais ou menos radicais com as formas tradicionais do humanismo: a) primeiro, a passagem do terapêutico ao melhorismo, da qual já falamos; b) em seguida, o fato de que, quando se trata de passar do “sofrido passivamente” ao “controlado ativamente” (from chance to choice), a escala histórica considerada não é mais social, política ou cultural, mas é a da teoria da evolução, bem diferente, que aqui serve de referência; c) um terceiro elemento é que para os transumanistas não existem direitos naturais vinculados a qualquer natureza humana (algo que será contestado por seus críticos tradicionalistas, começando por Fukuyama e Sandel); d) por fim, fica claro que a melhoria da humanidade não almeja somente o social, o político ou o cultura, nem mesmo somente a natureza ambiente externa, mas verdadeiramente nossos dados biológicos “internos” (FERRY, 2018, p.22)

Ainda em consonância ao autor, temos também claras diferenciações que abarcam muito do que podemos chamar de um *progressismo* nos transumanismos e em concomitância as nossas reflexões sobre o iluminismo e a racionalidade propriamente:

[...] O humanismo do Iluminismo já valorizava o desenraizamento da natureza, então por que parar no meio do caminho? Por que não ir até o fim? E o que há de pior, moralmente, do que a seleção darwiniana, essa eliminação do desviados, como os mais fracos, defendida pelos nazistas? De resto, já compreendemos que ela tendia a atenuar-se na civilização ocidental moderna e que isso implicava que o projeto de domínio pelos homens do seu próprio material genético deveria ir até o fim se quisessem evitar sua deterioração irreversível. (FERRY, 2018, p.29)

¹⁶ Entendemos esse conceito em concomitância ao humanismo, como o processo de “criação de novos homens”.

Luc Ferry acerca da questão suscita o seguinte autor que seguiremos a utilizar para outros fins de compreensão temática neste subcapítulo.

[...] Gilbert Hottois, defensor de um transumanismo “de face humana”, escreve de maneira significativa sobre o assunto:

O eugenismo racista não tinha nenhuma base científica; negava a igualdade essencial das pessoas; não respeitava a autonomia dos pais; era um eugenismo estatal. A questão do eugenismo deve ser reconsiderada hoje, afirmando-se a liberdade individual e parental, a dignidade igual das pessoas e a preocupação fundamental de corrigir as desigualdades contingentes naturais. Até agora, de fato, a justiça (re)distributiva se limitou à exigência de um reequilíbrio compensatório das diversas desigualdades: por um lado, as desigualdades decorrentes da “loteria social” (inclusive a luta contra as discriminações: sexo, gênero, etnia, raça, religião); por outro lado, as desigualdades causadas pela “loteria natural” (saúde, dons etc.), sem poder intervir nesta última. Até aqui procedemos de maneira “externa”, por compensações em dinheiro, tratamentos gratuitos, ensino especial etc. A genética deveria proporcionar a crescente possibilidade de corrigir as próprias desigualdades naturais, seja prevenindo-as (eugenismo negativo), seja por terapia genética ou eugênica positiva. Tratar-se-á no futuro de passar da redistribuição de recursos puramente sociais à redistribuição de recursos naturais (em suma, os genes). Obviamente, tudo isso permanece muito especulativo, mas a questão se tornará cada vez mais presente: podemos, devemos intervir, em nome da justiça e da igualdade das possibilidades, na loteria natural? (FERRY APUD HOTTOIS, 2014, p. 18)

No que diz respeito a esses pontos levantados, ademais a questão da *eugenia* que como mencionamos está vagamente vinculada com a emergência do transumanismo na contemporaneidade a exemplo de Julian Huxley. Mais uma vez a contradição imposta entre um positivismo lógico, uma vez que o melhoramento já pressupõe a existência de uma melhor condição, a eugenia sendo, portanto, um instrumento para possível promoção do humano, no entanto, esse positivismo aliado a uma defesa da diversidade possui incontornáveis tensões aparentemente contraditórias.

É necessário ressaltar como que nesta concepção posta em vista a ideia de “loteria social” parece desconhecer toda e qualquer afetação acerca da real originalidade destas questões, que não são aleatórias, mas concernem a estrutura em que estão inseridas.

Seguindo a perscrutar as bases dos transumanismos. Nos direcionaremos mais focalmente agora ao materialismo, utilizando novamente Luc Ferry que estabelece definições importantes a esse elemento dentro do transumanismo:

Falando claramente: o materialismo defende a opinião segundo a qual todas as nossas ideias, por exemplo nossas convicções religiosas e políticas, mas também nossos

valores morais, nossos julgamentos estéticos e nossas escolhas culturais, não são livremente estabelecidos e assumidos por nós. De fato, são apenas produtos inconscientes de realidades mais profundas que nos determinam sem que saibamos, reflexos do nosso meio social ou da nossa infraestrutura neural que, materialmente, as condicionam de um extremo ao outro. Em outras palavras, para o materialista, não há nenhuma verdadeira autonomia do pensamento, nada que se pareça com algo como uma “transcendência” das nossas ideias em relação ao nosso meio ambiente biológico e histórico, mas somente uma ilusão de autonomia. Mesmo quando considerada a complexidade dos fatores que participam da produção dessas ideias, o materialismo deve assumir dos traços característicos fundamentais: o reducionismo e o determinismo. (FERRY, 2018, p.31)

O que objetivamos a trazer essa definição à tona é correlacionar com o que expusemos acerca do enfoque dos transumanismo com nossas constituições, embora o transumanismo, em seu fundamento também legitimem a ideia do sujeito transcendente, se mediante a tecnociência. Esta que trataremos mais apropriadamente.

Há nos ideários dos pensamentos transumanistas uma base comum, que podemos inferir a partir da mitopoética grega, das beneficências demiúrgicas¹⁷ que a tecnociência pode derivar (FERRY, 2018). Tratamos primeiramente da *tecnociência* enquanto mera relação entre a técnica científica.

Todavia, adicionando nuances relevantes a esse binômio, temos na tragédia grega mais especialmente categórica ao transumanismo: o mito de Prometeu, possíveis vetores de compreensão dos transumanismos que estamos analisando neste trabalho.

Isso porque, na mitopoética prometeica temos presente em essência o caráter tecnocientífico, nas palavras do filósofo e pesquisador largamente utilizado nesta pesquisa Keoma Ferreira, assevera o seguinte sobre a tecnociência prometeica:

De modo geral, portanto, a tradição prometeica traduz uma visão instrumental da técnica na medida em que a relaciona ao domínio técnico da natureza a fins humanos e ao bem da humanidade. O divino Prometeu, seja o de Hesíodo ou de Ésquilo, desafia a supremacia de seus superiores e é punido em função de seu desrespeito. Embora sua magnitude seja notável, Prometeu não é soberano defronte a hierarquia do Olimpo, devendo satisfações a Zeus em função de sua inferioridade. (FERREIRA, 2017, p.23)

Este autor também nos serve de uma relevante definição para nossa análise: O transumanismo enquanto um transcendencialismo high-tech (FERREIRA, 2017)

¹⁷ Palavra derivada de ‘demiurgo’, que, segundo o *Oxford Dictionary*, significa, na filosofia platônica, o construtor, fabricante ou criador do mundo. (<https://en.oxforddictionaries.com/definition/demiurge>, acessado em 15/02/2022) (FERREIRA, 2017, p.126)

Definição fulcral para nossa compreensão, pois em concomitância aos supramencionados conceitos como do *iluminismo, racionalismo e humanismo*, o transumanismo representa em últimos fins uma crença utópica de que através da tecnologia poderemos superar nossas limitações (FERREIRA, 2017), isso suscita desde o genuíno questionamento, paralelamente a modernidade que também se surpreende que todo o aparente progressismo do início do século tenha se revertido nos dois maiores conflitos armados neste mesmo século.

O mesmo autor também assertivamente nos aponta o seguinte:

Concernente à tradição científica supramencionada, é evidente, consoante a exposição de Sibília, a presença de elementos iluministas, positivistas e do socialismo utópico uma vez que ambos expressam, quiçá, o cume, o ápice da crença, na confiança de que a razão modificaria o mundo em algo melhor. Noutras palavras, o que subjaz à tradição prometéica, seja no que concerne aos moldes positivistas, seja no tocante ao marxismo clássico, consiste, em última instância, numa crença irrestrita na racionalidade. Em concernência ao positivismo, potencialmente estendível a generalizações do pensamento moderno, aposta-se na racionalidade da ciência e por conseguinte, no progresso exponencial do conhecimento e da técnica, culminando inequivocamente no aprimoramento da precária condição humana. No tocante ao marxismo clássico, a crença supracitada associa-se à fé na racionalidade da história (FERRAZ, 2000:123). (FERREIRA, 2017, p.23)

Há no pensamento tecnocientífico indicativos modernos claros e que remontam a tradição *gnóstica* de valorização da alma em detrimento do corpo (FERREIRA, 2017), iremos abordar novamente isso mais a frente, por hora é importante destacar que essa característica é essencial para o entendimento que há na tecnociência uma versão salvífica e imanentizada desta relação (FERREIRA, 2017).

É válida igualmente a crítica de que em essência muita da aparente defesa racionalista vela muitas de suas bases místicas e não propriamente científicas, mas que são propulsoras da ciência (FERREIRA, 2017).

Iremos agora abordar com um pouco mais sobre o conceito de *natureza humana*, que além de essencial enquanto conceito filosófico, nos dirá bastante sobre a ideia transumana.

O processo intelectual, a gnose¹⁸ humana, é no pensamento antigo ocidental o que caracteriza o saber divino (FERREIRA, 2017), enquanto a compreensão ontológica da natureza humana tem sido na esteira desta tradição, enxergado o humano no dualismo entre suas tendências

¹⁸ Entendimento aqui presente da gnose é relativo à sabedoria ou conhecimento. Que segundo o *Oxford Dictionary Lexico*, é condizente com a origem da palavra. (<<https://www.lexico.com/en/definition/gnosis>> acesso em: 15/02/2022)

a animalidade e seu potencial intelectual e divinizador, que tem a razão e consciência como o instrumento para seus fins, mas que é essencial compreender, que essa encruzilhada entre as tendências humanas é tipicamente o que origina na filosofia, em especial a partir de Platão, a tendência manifesta de uma racionalidade que suplanta através de seus derivados, a exemplo da técnica, as mais distintas características tidas como pertencentes a bestialidade humana, essa que também é natural, mesmo que enquanto compreensão e conceito tenha mudado drasticamente ao redor desta mesma história. A modernidade na esteira dessa cisão instrumentaliza o meio com finalidade na promoção humana.

Todavia, esse pensamento caminha para o que convencionou o dito *século das luzes* advindo do iluminismo e largamente do pensamento clássico, o antropocentrismo, trataremos agora de como essa característica não pode ser inferida ao transumanismo, mesmo que dividam juntamente a essa tradição, suas origens.

Consideremos o seguinte, partindo das principais ideias transumanas até o momento apresentadas, é indubitável que o *humanismo racionalista* (VILAÇA; DIAS, 2014 p.347) que define assertivamente os pensamentos transumanistas, possui ao menos consciência e compreensão de uma constatação clara de que ser humano não advém nenhum componente valorativo por si mesmo, sendo uma contingência (VILAÇA; DIAS, 2014), portanto, mesmo que suscite no transumanismo claros indicativos de uma valoração da experiência humana ou até sua orgulhosa afirmação prometeica, isso não só é contraditório tendo em vista compromissos apresentados pela gênese transumana que abordamos no primeiro capítulo, como também é uma constatação não aplicável, uma vez que: Ao reconhecer de forma basal a natureza precária da humanidade e a defesa de um amplo projeto de melhoria não só do humano, mas das diferentes existências de vida, some-se a isso a defesa utilitarista que os transumanismos frequentemente suscitam, indica no mínimo que os transumanismos defendem em algum nível um rompimento com o antropocentrismo.

Não obstante, reconhecendo que a condição humana não é por si só detentora de mais direitos ou mais especial por contingências como a consciência ou racionalidade, muito pelo contrário, nossa condição é o que implica mais deveres para com o hodierno mundo da vida, o que abrange todas as outras existências.

Em continuidade aos pontos levantados, temos também em Vilaça que:

“Não obstante, o humano desenvolveu uma forma de preconceito especista (Human prejudice) sobre si mesmo, traduzido na crença em uma (suposta) especial

importância do humano (Special significance) e em um (hipotético) privilegiado estatuto moral (SAVULESCU, 2009), os quais estariam fundamentados, para alguns, nas prerrogativas da sua natureza humana.” (VILAÇA; DIAS, 2014, p.352)

Permaneceremos tratando com maior enfoque de suas bases.

Retomando as reflexões expostas, aludir a como que nossas concepções de humano estão cada vez mais frágeis, seja pela pretensa ameaça que a tecnociência apresenta na derrocada desses pressupostos, no qual em muito se baseia a pretensa querela ao transumanismo, os *bioconservadores*. Analisaremos alguns de seus argumentos para fins de compreensão do próprio transumanismo. No entanto, não é de nosso interesse abordar largamente, somente para compreensão do próprio transumanismo, constatamos o seguinte através de Vilaça *et. Al*:

Em 2002, Fukuyama já havia investido na defesa da ideia de que a preservação da natureza humana é uma condição sine qua non da promoção do humano, da sua dignidade e dos direitos humanos (FUKUYAMA, 2002). Para ele, ao contrário dos transumanistas, alterar a natureza, superando os seus limites biológicos, transformaria perigosamente o estatuto ontológico humano, comprometendo aqueles valores. Recorrendo aos mesmos escritores e obras usados por Kass, ele defende que há uma íntima conexão entre natureza humana, valores e política. A natureza humana serve de parâmetro para todas as ideias normativas ligadas ao humano, pois, ao lado da religião, ela é o que define nossos valores mais básicos. Fukuyama, ao defender a noção de direitos humanos contra perspectivas pragmatistas e/ou utilitaristas no âmbito biotecnológico, argumenta que tal ideia se baseia apropriadamente na noção de natureza humana. (VILAÇA; DIAS, 2014, p.353)

Ou seja, para bioconservadores como Fukuyama, preservar o estatuto especista do humano é indispensável para manutenção da ética e dos direitos entre iguais, resumidamente é como se configura parte das críticas bioconservadoras aos transumanistas. A manutenção inclusive de diversos tipos de sofrimentos são condições para a ética neste entendimento.

Ainda segundo Vilaça em vista do exposto:

Bioconservadores e transumanistas estão igualmente comprometidos com algum conceito de natureza humana e pós-humanidade (AGAR, 2004). Enquanto aqueles a veem como a essência humana a ser preservada intocada, pois seria a base dos valores humanos mais importantes, estes propugnam, conforme supracitado, que ela pode e deve ser melhorada, a fim de ampliar a perspectiva de florescimento humano, mesmo que isso implique o estágio pós-humano. Torna-se patente, portanto, que um dos elementos-chave do debate é a concepção e o valor de natureza (pós)humana adotados. (VILAÇA; DIAS, 2014, p.350)

Continuando nossa extensa, porém descritiva caracterização dos transumanismos, em voga temos um pouco do que podemos categorizar correlacionado a um *solucionismo* tipicamente

californiano que o transumanismo, especialmente o de tipo cultural e enquanto movimento/projeto se vê vinculado. Segue a importante citação:

Nesse contexto, não é em nada surpreendente que os apaixonados por novas tecnologias, a começar pelos grandes diretores das empresas multinacionais que carregam suas cores, tenham se reconhecido nesse otimismo do progresso”

[...] Essa convicção – é preciso confessar, às vezes bastante ridícula: [...] segundo a qual o progresso das ciências e das técnicas vai poder “resolver todos os problemas do mundo” tornou-se tão forte no Vale do Silício que acabaram por lhe dar um nome, por batizá-la, como se fosse uma verdadeira doutrina filosófica: fala-se agora em “solucionismo” para designar essa fê tecnófila inabalável nas virtudes reencontradas do progresso (FERRY, 2018, p.30)

Não obstante, Luc Ferry comentando Gilbert Hottois, autor supracitado neste subcapítulo referente ao eugenismo. Assevera o seguinte em relação ao transumanismo:

“[...] Dito isso, em todos os lugares em que existiram no Ocidente, as revoltas libertárias tiveram dois filhos mais ou menos legítimos: o ultraliberalismo, de um lado, e, de outro, a social-democracia igualitarista, como destaca com justiça Gilbert Hottois, o qual, como se nota na leitura da seguinte citação, é mais favorável à segunda vertente:

Uma corrente importante do transumanismo foi e permanece profundamente apegada ao individualismo liberal, até neoliberal, e menos libertário. Essa tendência, que se proclama prontamente como apolítica, está de facto próxima do tecnocapitalismo futurista das grandes companhias americanas multinacionais. [...] Simultaneamente, os transumanistas socialmente sensíveis entendem que não devem ignorar os grandes problemas sociais da pobreza, da injustiça, da desigualdade e do meio ambiente. [...] É preciso lutar em ambas as frentes: humanismo tradicional e transumanismo. Um sonho 36transumanistas consiste em conciliar individualismo e socialismo: a melhoria (também afetiva, emocional e moral, claro) livremente desejada dos indivíduos levará progressivamente à melhoria global da sociedade e da humanidade. Segundo essa óptica, os transumanos não devem ser temidos, mas desejados. Entre apolitismo de tendência tecnocrática, liberalismo e neoliberalismo, libertarianismo e social-democracia, o posicionamento político do transumanismo permanece irredutivelmente diverso, até contraditório, apesar dos esforços de unificação operados pela world transhumanist association. (FERRY APUD HOTTOIS, 2018, p.35)

Tendo em vista ao exposto, partindo de todas as considerações e levantamentos da literatura a respeito do tema feito, asseveremos em consonância a Luc Ferry o seguinte:

[...] Isso dito, talvez não esteja aí o essencial: porque se a exigência de liberdade individual é ao mesmo tempo o motor e a reivindicação primeira do transumanismo, seu enfoque final, seu objetivo último, situa-se claramente em uma perspectiva utilitarista, no sentido filosófico do termo: trata-se primeiramente, e antes de mais nada, de lutar contra todas as formas de sofrimento, trazer à humanidade o máximo de felicidade possível – o que explica, aliás, o sucesso crescente do movimento. Quem poderia se posicionar contra

o bem-estar e a erradicação da infelicidade, senão o diabo em pessoa? (FERRY, 2018, p.36)

Essa narrativa que os transumanismos trazem para si, representam frequentemente o salvacionismo high-tech (FERREIRA, 2017).

Para finalizarmos este capítulo, aludiremos ao filósofo Andrés Vaccari, este que é um *pós humanista crítico*, em um de seus trabalhos acerca do tema, temos o seguinte:

O transumanismo é um bicho cultural exótico, tributário de vários fenômenos que vão da religião (gnosticismo) e arte (vanguarda futurista e suas visões de homem-máquina), à filosofia (humanismo “clássico”), teoria econômica (a doutrina do mercado-livre) e pseudociência (eugenia). (VACCARI, 2020, p.185)

A argumentação se dá em torno do fracasso do transumanismo nos anos 90 (do século XX) (VACCARI, 2020), já que a defesa de Bostrom expõe as contradições centrais do transumanismo enquanto movimento cultural. Já na segunda fase o autor infere que se deu a partir de uma aliança a ideologia californiana, se fundindo aos discursos de empreendedorismo do *Silicon Valley*¹⁹ e institucionalizou-se no contexto das empresas de tecnologia (VACCARI, 2020). Esta transição entre o *transumanismo humanista* para este *transumanismo corporativista* seria pelo abandono do *Argumento da Beneficência* (AB) (VACCARI, 2020).

Esse abandono se dá em razão de que na segunda fase, o AB se torna não sustentável uma vez que a pós-humanidade será um evento histórico inevitável e necessário, mas não necessariamente benéfico (VACCARI, 2020). Ainda de acordo com o autor, esta transição é definida como “virada californiana”, da tecnofilia e do tecnoutopismo transumanistas para ideologia do empreendedorismo e do *marketing* de novas tecnologias. (VACCARI, 2020)

Para conclusão deste capítulo de discussão das bases transumanistas, destinamos mais um trecho do autor expressando:

A síntese californiana abandona qualquer reivindicação de beneficência para insistir incansavelmente na inevitabilidade do “avanço” tecnológico, na necessidade de inovação disruptiva: o que “a tecnologia quer”, como diz Kelly. A nomeação de Kurzweil como chefe de engenharia do Google selou a adoção do transumanismo na agenda ideológica do Vale do Silício. A pós-humanidade não será necessariamente melhor, sequer boa; significa que o “*Arrebatamento para nerds*” será para poucos, enquanto o restante de nossos descendentes deve se contentar com sua existência biológica, assumindo que eles

¹⁹ Vale do Silício, tradução nossa.

não perecem no apocalipse pós-capitalista deixado pela nuvem de nanobots. (VACCARI, 2020, p. 204)

Portanto, há nesse debate típicas cisões e disputas acerca do entendimento do que ao fim subjaz as pretensões e entendimentos transumanos, sobre natureza humana, sobre sociedade, política, mas antes de tudo sobre a legitimidade ou não das aspirações transumanas, essas que possuem suas expressões como expostas neste trabalho, bases, reverberações das mais diversas na contemporaneidade.

CONCLUSÃO

Portanto, os pensamentos transumanistas de forma genéricas analisados podem ser inferidos enquanto em comum característica, suas raízes iluministas, humanistas, racionalistas e tecnocientíficas, no entanto servem-se de uma série de expressões e definições que faz dele multifacetado na contemporaneidade

Perscrutamos nos transumanismos suas expressões no século XX, a partir do vetor de duas principais vertentes, sendo a vertente extropiana e democrática, uma fortemente neoliberal, outra democratista, divergindo sobretudo sobre condição *sine qua non* do estado para disponibilização igualitária das tecnologias de aprimoramento humano, no que a democrática responde afirmativamente como exposto.

A partir das bases transumanistas supramencionadas apresentamos algumas de suas críticas que podem colocar em xeque algumas defesas transumanas. Como na fé irrestrita na razão, bem como o entendimento secular e utilitário da promoção do bem humano.

Em concomitância ao exposto abordarmos diversas definições de transumanismo, sendo desde nossa definição prototípica de que há uso moral e ético para as tecnologias de intervenção na condição humana, passando enquanto um iluminismo de raízes biotecnológicas (VILAÇA; DIAS, 2014), transumanismo enquanto um transcendencialismo high-tech (FERREIRA, 2017), dentre outras definições remetidas que fazem deste trabalho uma análise que se pretende a expor e discutir como proposto duas das principais expressões transumanas e as afetações genéricas, mas sempre pressupondo sua multiplicidade.

REFERÊNCIAS

- BAILEY, D.** et al. Transhumanist Declaration, 2009. Disponível em: <<http://humanityplus.org/learn/transhumanist-declaration>>. Acesso em: 31 jul. 2021.
- BOSTROM, N.** Transhumanist Values. *Review of Contemporary Philosophy*, v. 4, issue 1-2, p. 87-101, 2005a.
- _____. In defense of posthuman dignity. *Bioethics*, v. 19, n. 3, p. 202-214, 2005b.
- _____. A history of transhumanist thought. *Journal of Evolution and Technology*, v. 14, n. 1, p. 1-25, 2005a.
- _____. et al. The transhumanist FAQ, version 3.0, 2016. Disponível em: <<https://humanityplus.org/transhumanism/transhumanist-faq/>>. Acesso em: 04 jul. 2021.
- _____. A history of transhumanist thought. *Journal of Evolution and Technology* 14, 2005.
- BUCHANAN, A.** et al. *From Chance to Choice: Genetics and Justice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- DICIONÁRIO DE FILOSOFIA – SÓ FILOSOFIA.** Racionalismo. Disponível em: <http://filosofia.com.br/vi_dic.php?palvr=R>. Acesso em: 23 jul. 2021.
- FERRY, L.** *A revolução transumanista*. Barueri, SP: Manole, 2018.
- FERREIRA, K.** *Transumanismo e suas oscilações prometeico-fáusticas: Tecnoapoteose na era da ciência demiúrgica*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte, p.172. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/24854/1/KeomaFerreiraAntonio_DISSERT.pdf>. Acesso em: 04 jul. 2021.
- HUGHES J.** Contradictions from the Enlightenment Roots of Transhumanism. *The Journal of Medicine and Philosophy*, v. 35, issue 6, p. 622-640, 2010.

MALI, T. Seu corpo carrega vestígios das explosões atômicas. Revista Galileu, 2016. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2016/02/seu-corpo-carrega-vestigios-das-explosoes-atomicas.html>>. Acesso em: 23/03/2022.

MARQUES, JOSÉ OSCAR DE A. - Sobre as Regras para o parque humano de Sloterdijk Publicado em Natureza Humana. Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas. São Paulo (PUC), Vol. IV n. 2, 2002, p. 363-381. ISSN 1517-2430. Versão digital em <http://www.unicamp.br/~jmarques/pesq/parque.htm>

OLIVEIRA J.; LOPES W. (2020). Por que o transumanismo deve ser levado a sério? En Oliveira, J., Lopes, W.E.S (orgs.), Transumanismo, o que é, quem vamos ser. ISBN 978-65-5807-008-5. Caxias do Sul, Brasil: Educs, pp. 09-33.

LEMINSKI P. Corpo não mente in Revista Corpo a Corpo, 1987, p. 97-98. (Disponível em: <<http://www.elsonfroes.com.br/kamiquase/ensaioPL3.htm>> acesso em: 25/03/2022)

TRANSUMANIST DECLARATION, 2009. Disponível em: <<https://humanityplus.org/transhumanism/transhumanist-declaration/>>. Acesso em: 04 jul. 2021.

VILAÇA, M.M.; DIAS, M.C. Transumanismo e o futuro (pós-) humano. Physis Revista de Saúde Coletiva, v. 24, n. 2, p. 341-362, 2014.

VACCARI, A. (2020). Por que não sou transhumanista. En Oliveira, J., Lopes, W.E.S (orgs.), Transhumanismo, o que é, quem vamos ser. ISBN 978-65-5807-008-5. Caxias do Sul, Brasil: Educs, pp. 185-204.

SCHRAMM F. Saúde Pública: biotecnociência, biopolítica e bioética. Saúde Debate, v. 43, n. Especial 7, p. 152-164, Rio de Janeiro, dez 2019.